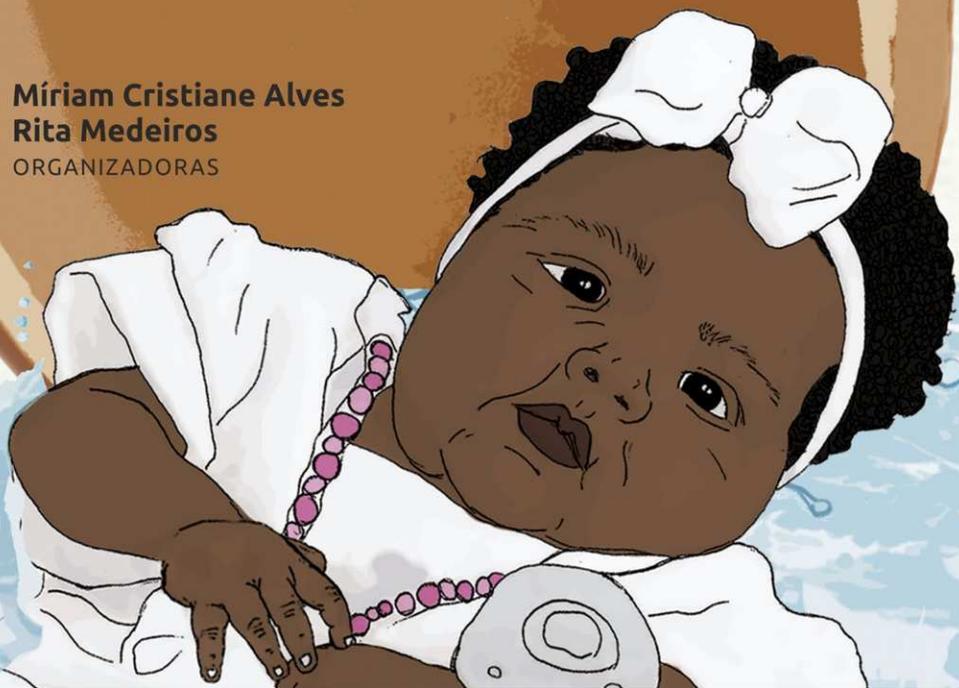


Série Pensamento
Negro Descolonial

Culturas Infantis de Terreiro:

agenciando memórias,
histórias e narrativas

Miriam Cristiane Alves
Rita Medeiros
ORGANIZADORAS





A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



Míriam Cristiane Alves
Rita Medeiros
ORGANIZADORAS

Série Pensamento Negro Descolonial

Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas

1ª Edição
Porto Alegre
2022



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C967

Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas/ Organizadoras: Miriam Cristiane Alves; Rita Medeiros – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

286 p. (Série Pensamento Negro Descolonial, v.5)
E-book: 6,00 Mb; PDF

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5462-020-8

DOI: 10.18310/9786554620208

1. Ensino da Oralidade. 2. Estudos Culturais. 3. Religião afro-brasileira. 4. Memória. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM H71
CDU 2-582

Catálogo elaborado pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



Sumário

PREFÁCIO	9
<i>Hendrix Silveira</i>	
APRESENTAÇÃO	17
<i>Miriam Cristiane Alves e Rita Medeiros</i>	
SEÇÃO I IMAGEM-NARRATIVAS DAS INFÂNCIAS DO CORPO	25
QUANDO FALAMOS, CANTAMOS, GIRAMOS, DANÇAMOS E BRINCAMOS, SOMOS MUITAS, SOMOS DIVERSAS!	
<i>Priscilla Pinheiro Lampazzi</i>	
SEÇÃO II MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS DE LIDERANÇAS DE COMUNIDADES DE TERREIRO E SUAS INFÂNCIAS	43
PRETO VELHO AFRICANIZANDO O TERRITÓRIO: UMA MULHER NEGRA, UMA TRAJETÓRIA E UM GRANDE LEGADO EM PELOTAS	45
<i>Anarolina Fagundes Soares</i>	
FELIZ VIDA NO TERREIRO DAS MULHERES FILHAS DE <i>OMOLU</i> E <i>ÒŞUN</i> , MEU SABER ANCESTRAL	53
<i>Mãe Nilce de Iansã</i>	
DA CURA DA MINHA VIDA, PELA CURA DE MINHA COMUNIDADE: AS LUTAS, AS PALHAS E AS FLORES QUE <i>ŞANPÒNNÁ</i> ME OFERECE	65
<i>Mãe Nara de Xapanã</i>	
UM TERREIRO QUE SE FEZ ACOLHIDA: O LEGADO DE DONA MARIA AMARO.....	75
<i>Istelamar Pereira Amaro</i>	
UMA CRIANÇA-DIVINDADE: A CONSTRUÇÃO DE UM REINO DE YEMANJÁ E SUAS CRIANÇAS.....	81
<i>Ana Legório Eisfeld</i>	

APRESENTAÇÃO

Míriam Cristiane Alves
Rita Medeiros

Olha o doce que eu quero comer
Ôh, mãezinha me dá guaraná
Dá chupeta que eu sou Ibeijada
É brincando que eu vou te curar
[...]

Se tiver também quero branquinho
Brincar de bola e corda pular
Chama Rosinha e Faísca
Raio de Sol, filhos de Iemanjá
[...]

(Juliana D. Passos, Ponto de Ibejada - União de Bejada³)

Caminho insurgente, lugar de pesquisas destemidas e de construção de olhares-outros que se destinam ao estudo das infâncias afrodiáspóricas. Eis o quinto volume da *Série Pensamento Negro Descolonial*, “Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas”, editorado pela Rede Unida. Ele é resultado de provocações e convocações do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra à Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde - RENAFRO, e desta ao Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a compor o projeto *Primeira Infância no Centro: enfrentamento do racismo como garantia do pleno desenvolvimento infantil*, financiado pela Porticus Foundation.

³ Passos, Juliana D. (13 de setembro de 2021). Ponto de Bejada – União de Bejada [vídeo]. Canal Macumbaria. YouTube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=G09ww-_3yNU.

A potência dos encontros entre movimentos sociais e universidade pública possibilitou-nos a materialização do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Um compromisso ético-político que fez emergir a organização desta coletânea enquanto uma produção acadêmica socialmente referenciada, implicada, situada e encharcada pelas culturas infantis de terreiro.

O que podem as crianças de terreiro? Que infâncias permeiam este território? Por onde se movimentam as culturas infantis de terreiro? Quem são partícipes dessas culturas e como inscrevem suas marcas e grafias nas infâncias afrodiaspóricas? Não temos a pretensão de tecer verdades absolutas, mas sim provocar aberturas para novos imaginários sobre as infâncias; provocar e produzir fissuras nos lugares por onde perpassam os estudos sobre crianças e infâncias, num Brasil que pouco se reconhece como forjado por tradições e culturas de matriz africana. Nossa entrada nesse campo de estudos conjuga diálogos e deslocamentos em conceituações aprisionadas e mumificadas em uma infância universal, branca, colonizada. Importa destacar que a infância, por si só, é uma referência de incômodo ao que está estabelecido e definido no mundo adultocêntrico. Incômodo que é ampliado quando tratamos de infâncias de terreiro e negras.

Nesta coletânea apresentamos possibilidades de estudos e pesquisas que apostam nos espaços-vividos-revividos pela primeira infância; na construção de novos imaginários e de novos modos de evidenciar as concepções de infâncias experienciadas nas comunidades tradicionais de terreiro – seja nas suas utopias de existir, nas fabulações sobre a vida ou na luta por políticas públicas que considerem a pluriversidade ontológica do ser criança em nossa sociedade. Ao considerarmos que alguns dos textos aqui apresentados ainda necessitam caminhar no sentido de dar passagem às crianças, colocamo-nos como provocadoras de rupturas no olhar, no

perceber, no sentir, no registrar vivências e narrativas de crianças, sobretudo aquelas que vivenciam a primeira infância em comunidades tradicionais de terreiro – territórios colocados à margem no âmbito da produção de teorias **sobre** infâncias e **sem** crianças.

Queremos, aqui, problematizar o modo como escritas, **sobre e sem** crianças, têm se desenhado em ambientes acadêmicos; de interrogar o fato de que crianças não têm sido (re)visitadas em suas formas de compreender o mundo; e enfatizar que para a primeira infância estar no centro, a criança precisa ser reconhecida em suas mais diversas maneiras de expressão como alguém que fala de corpo inteiro: nos gestos, nos choros, nos risos, nas correrias ou nos silêncios.

É pelas frestas, dobras, fugas e mancadas de nossos corpos-sujeitos-adultos, que precisamos nos colocar como aprendizes a escutar, acolher, acompanhar e apre(e)nder **com** corpos sujeitos-infantis vivenciadores de tradições de matriz africana, que performam gestos, movimentos, vocalidades, manhas e artimanhas sobre o ser crianças, o **criançar**, nos terreiros.

Criançar? Sim. Para nós, criança é ação, é protagonismo, é brincadeira, é movimento futuro no presente, é verbo. Renato Nogueira e Luciane Alves (2020, p. 17), referem que nas Zonas de Emergência de Infância (ZEI),

[...] criançar é o verbo que se veste, o cardápio é feito de brinquedos, toda comida tem sons, todo sonho pode ser tomado na vigília ou no sonho. Na ZEI a imaginação apaga fronteiras e estabelece amizades. A ZEI é habitada por crianças e criancistas – gente jovem, adulta e idosa que valoriza a infância e saberes das crianças. ZEI é um lugar de brincar e narrar.

Infância? Esta é sabor, é cor, é cheiro, é textura, é tudo isso, a um só tempo... no tempo espiralar de Leda Martins (2021), em que, no terreiro,

a infância pode se expressar em qualquer corpo-sujeito, seja ele adulto ou infantil, entidade ou divindade, memória presente-passada. **Criançar** para desenformar certezas instituídas e alargar percepções de mundo, potencializando novos jeitos de viver.

Esta coletânea é em si um exercício do **criançar**, uma aposta ético-estética no ser criança, no infantil, nas infâncias, sobretudo de terreiro. Organizada em três seções, na primeira, nos desafiamos a provocar em você, leitora ou leitor, a experimentação de imagens-narrativas da infância do corpo, de modo que o **criançar** possa ser sentido pelo corpo-sujeito-adulto. Priscilla Pinheiro Lampazzi nos brinda com a delicadeza de releituras de fotografias de crianças de terreiro, cedidas por lideranças de tradições de matriz africana que compõem essa coletânea. Cada imagem ilustrada, desenhada, grafada, inscrita nessa primeira seção, foi deslocada de seu contexto para fazer emergir um novo texto, um texto-imagem que busca escrever experiências de infâncias de terreiro. Você consegue sentir? Você consegue escutar? Permita-se falar, cantar, girar, dançar, brincar, saborear a vida **com** cada uma dessas crianças. Permita-se ser conduzida ou conduzido por elas, para que, desde o centro, as crianças de terreiro possam fazer a roda da primeira infância girar. Quem se atreve no rodopio da gira das infâncias?

Tem bala de coco e peteca, deixa a ibejada brincar!
Hoje é dia de festa, a ibejada vem saravá
(Ponto de Ibeijada - Tem bala de coco e peteca⁴)

Na segunda seção, a infância do corpo escapa pelas brechas da língua que se movimenta na boca da *Ìyálórìṣà*, do *Bàbálórìṣà* e da Cacica de Umbanda ao escreverem a memória ancestral de suas comunidades tradicionais de

⁴ Canal Pontos de Umbanda. (25 de novembro de 2013). Ponto de Ibeijada - Tem bala de coco e peteca [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=BXAGXBc-5zg>.

terreiro. Eis nossas potências: Anarolina Fagundes Soares (Tia Maruca), Mãe Nilce de Iansã, Mãe Nara de Xapanã, Istelamar Pereira Amaro (Telinha), Ana Legório Eisfeld (Mãe Ana), *Ìyá* Fátima de Òṣòṣi, Baba Diba de Iyemonja e *Ìyá* Flávia de Oyá Dirã. Em cada história, em cada conto, em cada ponto que faz a língua dessas lideranças vibrar, você vai sentir a inteireza do corpo-memória, do corpo-documento descrito por Beatriz Nascimento (1989). Nos entremeios de seus corpos-sujeitos-adultos, reconhecem e dão passagem aos corpos-sujeitos-infantis que lhes habitam, cujas narrativas fazem emergir experiências à flor da pele: ausências, rituais, coletividades, curas, pontos cantados, caminhos, desencontros e (re)encontros.

A autobiografia traçada na escrivência, como nos ensina Conceição Evaristo (2008), confere autoria e posicionalidade ético-política a essa gente nobre de nossas terreiras e terreiros, que preservam e (re)constroem as tradições de matriz africana todos os dias; e trazem encravadas em suas memórias, as vivências dos que já se foram, mas que continuam por aqui (re)escrevendo a afrodiáspora. Para nós é uma espécie de gente que organiza, prepara e difunde as tradições de matriz africana e se põe a acolher e cuidar nos seus territórios, as pessoas que acorrem aos espaços sagrados. Quem é essa gente? Que histórias têm para compartilhar? Que gira da vida vêm narrar? Que infâncias carregam? Histórias outrora perdidas ou fragmentadas, apagadas ou rasuradas, escondidas ou encolhidas pela colonialidade, quando se entrecruzam entre memórias produzem conceitos, construtos, categorias de análise, conhecimentos antes não visitados.

Na terceira e última seção a gira vai compor uma espiral de conhecimentos cuja centralidade são estudos **com** o povo infantil de terreiro. Talvez nossas experiências acadêmicas ainda necessitem de um **criançar** no ritmo das infâncias, para dar um novo sentido aos já desgastados caminhos. No entanto, este volume de estudos já se avizinha

como premissa do protagonismo infantil, num movimento de busca; e numa espécie de costura e bordado, os estudos vão se desenhando. Nos dois primeiros artigos as autoras do grupo de pesquisa “Ômô Kékèrê – Primeira Infância de Terreiro”, vão alinhavando encruzadas metodológicas à conceituações inventivas sobre a “gira-mapa”, ao passo dos corpos-sujeitos-infantis, para compreender as primeiras imersões no campo de investigação, em duas escritas coletivas. Gira-mapa? Que metodologia é esta? Como os corpos-sujeitos-infantis encenam, performam no terreiro? Como **criançar** metodologicamente?

Em direção às aprendizagens que as pesquisas com crianças de terreiro nos trazem, o trabalho de Ana Paula Russi se pergunta sobre as contribuições desse gênero de pesquisa, reverberando um traçado que deságua na multidimensionalidade dessa experiência. Como as crianças educam pesquisadoras no ato de estar **com** elas? Num estudo no Ilê Axé Oxumarê, Letícia Leobet Florentino apresenta como as políticas públicas pouco alcançam as crianças de terreiro e como as compreensões sobre o desenvolvimento infantil ainda estão permeadas pelo racismo. De que crianças falamos? Como garantir a visibilidade das crianças para além dos terreiros?

A linha se desvia noutro texto, Juliana Gomes da Silva e Luciene Alves Miguez Naiff indicam as naturalizações e desobrigações que o Estado brasileiro cometeu em relação ao descaso com a assistência às crianças negras, da periferia e de comunidades tradicionais. Que condições o Sistema Único de Assistência Social – SUAS tem oferecido a estas crianças? Em que medida o SUAS dialoga com as famílias de crianças de terreiro? No artigo de Kaká Portilho a discussão estampa o entrecruzamento entre o epistemicídio, o racismo praticado com crianças afroindígenas e as questões trazidas pela neurociência na construção do pensamento dessas crianças. O lugar das mulheres de terreiro na justiça reprodutiva é o riscado conduzido

pelo alinhavo de Ariane Fernanda dos Reis Moreira e Paula Sandrine Machado, imbuídas de revelar experiências inusitadas com Pombagiras, na Umbanda. Por fim, uma carta se encarrega de costurar as ideias sobre as urgentes e necessárias lutas por políticas públicas de atenção à primeira infância negra, quilombola, de terreiro e indígena.

Menininho de Angola como brinca
Vem brincar

Ele brinca de bola
Ele brinca de pique
Vem brincar

Ele brinca de roda
Ele brinca de roda
Vem brincar

Ele brinca de carro
Ele brinca de barro
Vem brincar

(Menininho de Angola – Mensageiros de Aruanda⁵)

Venha brincar em tempo espiralar, convocando os corpos-sujeitos-adultos a darem passagem aos corpos-sujeitos-infantis; e afirmando as confluências que circulam entre costuras, bordados e alinhavos na produção acadêmica **com** crianças. Vamos **criançar**?

Façamos dessa escrita uma âncora-compromisso para os próximos tempos de esperança. Tempos em que as crianças possam tomar de assalto nossos trejeitos de estar na pesquisa. Desejamos uma ótima leitura, entregiras, na primavera-esperança!

5 Canal Mensageiros de Aruanda. (25 de setembro de 2014). Menininho de Angola - Mensageiros de Aruanda [vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=K89dgC69Hu8>.

Referências

- Evaristo, Conceição. (2008). Escrivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releituras*, (23), pp. 5-11.
- Martins, Leda Maria. (2021). *Performances do tempo espiralar; poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Nascimento, B; & Gerber, R (Diretoras). (1989). *Ôrí* [filme]. Produção: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda.
- Noguera, Renato; & Alves, Luciana Pires. (2020). Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 17(48), pp. 533-554.

SEÇÃO I

IMAGEM-NARRATIVAS DAS INFÂNCIAS DO CORPO